

RAZÃO E LIBERDADE NA ÉTICA DE IBN GABIROL (AVICEBRON)

REASON AND FREEDOM IN IBN GABIROL ETHICS (AVICEBRON)

Cecília Cintra Cavaleiro de Macedo

Doutora em Ciências da Religião; Mestre em Filosofia
PUCSP/São Camilo
cavaleirodmacedo@uol.com.br

Resumo: Em sua obra ética, *A Correção das qualidades da alma*, Ibn Gabirol apresenta as qualidades positivas ou negativas e afirma que não são provenientes da alma racional, mas dos estratos inferiores, estritamente relacionadas aos sentidos e aos humores. Cabe ao homem, portanto, aperfeiçoar e equilibrar estas características em direção a uma purificação através da razão. Estas qualidades ou características constituem o material sobre o qual a razão e a liberdade devem trabalhar, a fim de gerar uma totalidade harmônica. Desse modo, as qualidades não são boas ou más em si mesmas, mas seus efeitos estão diretamente relacionados à sua utilização exagerada ou sua submissão à razão.

Palavras-chave: Ibn Gabirol, Avicébron, Razão, Liberdade, Mal, Ética, Humores.

Abstract: In his ethical treatise *The Improvement of the Moral Qualities*, Ibn Gabirol presents the positive or negative qualities of man and sustains that they do not come from the rational soul, but from the inferior levels, strictly related to the senses and the humors. Therefore men must be able to perfect and balance these qualities towards purification by means of the reason. These qualities or characteristics constitute the material that reason and freedom must work in order to generate a harmonic totality. In this way, the qualities are not good or evil in themselves, but their effects are directly related to the exaggerated use or the submission to reason.

Key-words: Ibn Gabirol, Avicébron, Reason, Freedom, Evil, Ethics, Humors.

Não há característica reprovável que não contenha algum benefício em certas ocasiões, assim como não há característica louvável que não apresente algo de mal em muitos momentos (IBN GABIROL).

Salomão Ibn Gabirol (Avicébron)

Salomão ibn Gabirol, conhecido na filosofia medieval cristã como Avicébron, nasceu sob o nome de Schlomo Ben Yehudá Ben Gabirol, em Málaga, por volta de 1021. Sua família, proveniente de Córdoba, emigrou, conforme relato de Ibn Ezra, fugindo das revoltas que deram fim ao Califado (IBN EZRA, 1976, p. 75). São escassas as informações biográficas confiáveis das quais dispomos acerca deste autor. Conhecido entre os árabes como Suleyman Ibn Yahya Ibn Yabirul, foi poeta, filósofo, gramático, exegeta, autor ético e místico andaluz medieval. Conforme Sáenz Badillos, “não é exagero dizer que Schlomo Ibn Gabirol é uma das figuras mais destacadas da Espanha medieval” (SÁENZ-BADILLOS, 1992, p. 9). Sua obra influenciou indiscriminadamente judeus, árabes e cristãos, ainda que sua identidade judaica tenha sido apagada através dos séculos, e seu nome quase esquecido em alguns momentos da história. Foi educado na *Taifa*¹ de Zaragoza, nos melhores círculos literários e científicos, empreendendo sua formação sob a proteção (*dhimma*²) concedida aos judeus. Ao que parece, ficou órfão muito cedo, fato que obrigou o autor a buscar mecenas e protetores entre as figuras importantes no seio da comunidade judaica. Dentre eles podemos citar: em Zaragoza, seu amigo pessoal Yequti’el Ibn Hassan (*Al-Mutawakkil Ibn Yishaq Abu Qapron*), assassinado durante golpe de estado que afastou a dinastia governante; e

¹ *Taifas*: Reinos separados que se formaram em Al-Andalus após a queda do Califado de Córdoba.

² *Dhimma*: Termo próprio do Direito Islâmico que se refere ao tratamento conferido aos Povos do Livro (*Ahl Al-Kitab*). Implica em outorgar uma personalidade jurídica que ao mesmo tempo em que reconhece o direito às práticas religiosas garante a sujeição de um patrimônio e a imposição de certas obrigações. A instituição da *dhimma* remonta à tradição Corânica e a Mohamed, e parte do entendimento de que, uma vez que este se considera um herdeiro dos profetas do Antigo Testamento, e que sua revelação nada mais faz que reafirmar a fé perdida pelos judeus e cristãos, estes não podem ser tratados como inimigos completos, da mesma maneira que seriam tratados os povos idólatras, ateus e politeístas.

em Granada, Samuel Ibn Nagrella *Ha-Nagid*³, homem de confiança, conselheiro e chefe de exército do rei Badis Ibn Habus. Entretanto não manteve uma convivência muito estável e harmônica com este personagem, provavelmente em decorrência de conflitos políticos, literários ou apenas pessoais. Mas, desse modo, Ibn Gabirol brilhou, no interior desta comunidade, muito mais por sua obra poética do que por sua especulação filosófica.

Posteriormente, por volta de 1045, devido a questões pessoais e políticas, seus problemas na comunidade judaica de Zaragoza se agravaram. Conforme Cano, este processo só foi finalizado com a promulgação de um *Herem*⁴, ou seja, a expulsão da comunidade judaica. São datadas de 1045 suas obras éticas, *Tikun midot Ha-Nefesh*⁵ (*Livro das qualidades da alma* ou *Livro da correção dos caracteres*) e *Mibhar Ha-Peninim* (*Seleção de Pérolas*). Conforme Graetz, estão inter-relacionadas a publicação destas duas obras e sua expulsão de Zaragoza. A partir desse episódio não dispomos mais de informações seguras sobre a sua vida (GRAETZ, 1949, p. 268).

A obra filosófica fundamental de Salomão Ibn Gabirol é a *Fonte da Vida*. Escrita originariamente em árabe, o que era padrão entre as obras cultas dos intelectuais judeus em *Al-Andalus* da época, o original foi perdido. Esta perda terminou por apagar a identidade do autor. Esquecido pelo pensamento filosófico judaico e islâmico, o pensamento de Ibn Gabirol chegou até nossos dias graças à filosofia escolástica cristã⁶.

³ Samuel Ibn Nagrella nasceu em Córdoba em 993; foi considerado príncipe entre os judeus, tendo ocupado importantes cargos políticos; patrono dos intelectuais e poetas judeus menos favorecidos, foi veementemente elogiado, quando da sua morte em 1056, pelos mais diferentes personagens judeus da época. De acordo com Sa'ad, "conhecia a lei dos judeus, bem como os meios para fazê-la prevalecer e defendê-la como nenhum outro antes dele chegou jamais a possuir em Al-Andalus". (SA'AD, 2000, p. 182)

⁴ *Herem* é como uma espécie de excomunhão no judaísmo; expulsão da comunidade. Alguns autores não mencionam o *Herem*. Esta informação está conforme MILLÁS VALLICROSA, 1993. p. XV, e CANO, 1992, p. 35.

⁵ Publicado no mês de *Nisan* (março/abril) de 1045.

⁶ Conhecemos o seu pensamento filosófico por meio de duas traduções que permaneceram: a primeira é a *Fons Vitae* latina, que seria supostamente uma tradução completa e fiel do original, confeccionada por Juan Hispano e Domingo González (Gundissalino). A outra via que serviu à circulação do livro foi uma compacta tradução hebraica denominada *Mekhor Hayim*, realizada por Shem Tov Falaquera. Nesta edição, a estrutura de apresentação em forma de diálogos entre discípulo e mestre foi modificada. As perguntas, presentes na versão latina, foram removidas, sendo preservada apenas a explicação concisa do mestre. Somente os trechos que continham as idéias fundamentais foram traduzidos.

Aceito como um autor muçulmano ou convertido ao cristianismo praticamente até meados do século XIX, as notícias que tínhamos de sua filosofia foram as que chegaram através dos diversos autores latinos, os quais desenvolveram seus trabalhos sob os ecos das idéias de um certo Avicébron. Seus escritos são geralmente citados como *Fons Vitae*, ou *Fons Sapientiae* e *De Librum Singularem de Verbo Dei Agente Omnia*. Este último possivelmente seria o *Tratado sobre a Vontade* que ele nos promete no final do *Fons Vitae*, ao qual, contudo, jamais tivemos acesso. Como destas obras não se teve notícia até meados do século XIX, supôs-se que o autor seria algum muçulmano converso, talvez um espanhol de origem islâmica, que vivera e escrevera durante o tempo em que floresceram os filósofos de expressão árabe, Ibn Badja (Averroes), Ibn Rushd (Averróis) e Ibn Tufail (MUNK, 1927, p. 153).

A obra filosófica de Ibn Gabirol foi amplamente utilizada pelos autores latinos que, embora desconhecêssem sua origem religiosa, absorveram o seu pensamento. Suas idéias deixaram marcas profundas, tanto entre aqueles que as condenaram quanto entre aqueles que as acolheram. Entre os seus adversários, contamos com grandes nomes da escolástica cristã que dedicam longas passagens à refutação de Avicébron. Por exemplo, Alberto Magno denuncia em *De intellectu et intelligibili* a filosofia de Avicébron como “odiosa” e “repugnante” (DE LIBERA, 1998. p. 203.). Tomás de Aquino dedica-se à refutação da obra de Ibn Gabirol, retornando umas quinze vezes em seus escritos (BRUNNER, 1965, p. 36.), às questões das quais veementemente discordou⁷.

Em contraposição a esses eminentes detratores, as concepções de Ibn Gabirol contaram também com defensores não menos importantes entre os grandes expoentes do pensamento cristão, os quais adotaram algumas de suas idéias. Por exemplo, “a escola franciscana posterior admitiu com entusiasmo nosso autor, especialmente no que se refere ao voluntarismo

⁷A crítica do Doutor Angélico gira em torno de três questões fundamentais: a primeira é a noção de hilemorfismo universal que, segundo Santo Tomás, Ibn Gabirol teria sido o primeiro a defender. Tomás de Aquino critica este conceito, sobretudo nos tratados *De substantiis separatis* e *De spiritualibus creaturis*; a segunda questão destacada é a da pluralidade de formas em um mesmo indivíduo, doutrina a propósito da qual o filósofo cristão cita à vontade o autor do *Fons Vitae*; e por último, enfatiza também a questão da passividade dos corpos. (cf. BRUNNER, 1965. pp. 35-36)

cósmico e divino e ao hilemorfismo aplicável a todos os seres” (LOMBA FUENTES, 1990, p. 35). Além de ser notada nos próprios tradutores do *Fons Vitae*, a influência de Ibn Gabirol ainda é extremamente significativa em Guilherme de Auvergne, que da seguinte maneira justifica sua admiração:

O teólogo Avicebron, entretanto, um árabe no nome e na pluma, ao que parece, claramente compreendeu isso, dado que menciona expressamente em seu livro que denominou Fonte da Sabedoria, e escreveu um outro livro sobre a palavra de Deus, criador de tudo. Por esta razão eu acredito que ele tenha sido um cristão, já que está claro, pelas descrições históricas, que o reino todo dos árabes esteve, há não muito tempo, submetido à religião cristã. (AUVERGNE, 1998, p. 90)

As doutrinas de Ibn Gabirol, expostas no *Fons Vitae* passaram por diversos autores medievais, tais quais Alexandre de Hales, Duns Scott, São Boaventura, entre outros. Mais tarde, influenciaram a obra de David de Dinant que, numa leitura muito particular, recolhida por Leão Hebreu (Yehudá Abravanel), chegou não só até a Renascença com Giordano Bruno, mas também até Espinosa, “tendo sido interpretado, por cada um deles, num sentido diferente”. (LOMBA FUENTES, 1990, p. 35)

A ética de Ibn Gabirol:

Paralelamente à sua obra metafísica fundamental, Ibn Gabirol adotou outros estilos e outras linguagens para expor suas teorias, no campo da ética, da exegese e da poesia. Acredita-se que a obra completa de Salomão Ibn Gabirol fosse originariamente bem mais extensa, mas apenas uma pequena parte dela chegou até nossos dias.

No campo da ética, temos notícias de duas obras escritas por Ibn Gabirol (ou ao menos, são aquelas a ele atribuídas até o momento). Ambas escritas originariamente em árabe, apresentam estilos bem distintos. Uma delas é *Muhtar al jawahir* ou *A Seleção de Pérolas*, e consiste numa compilação de

máximas, sentenças e historietas. Recentemente considerada de modo consensual como sendo de autoria de Ibn Gabirol, sua atribuição esteve em litígio⁸. A tradução para o hebraico sob o nome *Mibhar Ha-Peninim* adquiriu particular importância pelo fato do original ter sido perdido, assim como ocorreu com o *Fons Vitae*. Sua maior semelhança é com o livro bíblico dos Provérbios, que deve ter-lhe servido de fonte principal (MAESO, 1990, p.22). O livro é dividido em 64 seções, sob títulos diferentes, tais como “O Discernimento”, “O Perdão”, “A Fé”, “A Confiança em Deus”, “A Humildade”, “A Cortesia”, e outros, contendo um total de 652 sentenças morais extraídas das mais diversas fontes. Dentre estas fontes, podemos destacar: as Escrituras, o *Talmud*, os autores gregos e latinos, por meio de suas versões árabes, as coleções de fábulas da literatura rabínica, os *Midrashim*, a *Halakhá* e a *Haggadá* e a literatura islâmica em geral.

O primeiro capítulo deste livro é intitulado sugestivamente de “A Sabedoria”. Considerado um verdadeiro poema em prosa, este capítulo da *Seleção de Pérolas*,

Enfoca outros tantos aspectos, individuais, familiares, sociais, magistras, humanos e sobrenaturais, desse dom sublime do Criador que é a sapiência, da qual vai fazendo uma análise finíssima, em prosa, da pessoa que a possui, mas mais precisamente como um verdadeiro enamorado, que a estima mais do que todo o ouro do mundo, o qual nos lembra os brilhantes capítulos e frases fulgurantes do livro da Sabedoria. (MAESO, 1990, p.23)

A outra obra, e que sem dúvida é a mais importante, foi concebida sob o título *Kitâb islâh al-akhlâq*. Traduzida para o hebraico sob o nome *Tiqqun midot ha-nefesh* em 1167 por Yehudá Ibn Tibbon, recebeu três edições. Trata-se de um livro de ética, do qual existem traduções intituladas *A Correção dos Caracteres* ou *Retificação da Conduta*, apesar de ter sido também citado como *Das Qualidades da Alma*. O professor Joaquín Lomba Fuentes, que traduziu esta obra ao castelhano, aponta as dificuldades de tradução do próprio título, devidas ao uso muito particular que Ibn Gabirol faz dos termos árabes. O termo “*islah*” pode ser traduzido por correção, retifica-

⁸ A atribuição desta obra a Ibn Gabirol esteve em litígio, tanto que não é mencionada na *Encyclopaedia Judaica*, mas é plenamente aceita por J. Quimhi, J. Buxtorf, e principalmente pelo historiador Alexander Marx (1927), sendo hoje plenamente aceita, conforme nos relata Maeso (1990, p. 19).

ção, reforma, reparação, arrumação, recomposição ou renovação (LOMBA FUENTES, 1990, p.53). O segundo termo, “*akhlaq*” pode ser entendido como caracteres, no sentido de características, qualidades, notas, mas, relacionado a qualidades naturais morais, podendo entender-se também como virtude ética ou moralidade em geral.

Escrita em 1045, ano em que Ibn Gabirol abandona a cidade de Zaragoza, é uma obra de psico-fisiologia e de ética, considerada a primeira neste gênero no Ocidente, tanto entre os autores judeus, como entre os cristãos ou muçulmanos (LOMBA FUENTES, 1990, p.11). Talvez por seu estilo claro, popular e acessível, essa obra foi bem aceita no mundo judaico, tendo sido editada diversas vezes. Mais do que um tratado filosófico, é um manual prático de educação, baseado nos ensinamentos provenientes da clássica teoria dos humores que remonta a Hipócrates e Galeno, tendo sido transmitida, provavelmente, por Isaac Israeli ou pela produção médica islâmica. Mas esta, no texto de Gabirol, aparece subordinada às finalidades éticas.

Por vezes é considerada comparável à obra de seu contemporâneo, Ibn Hazm, que em *O Livro dos Caracteres e da Conduta* propõe citações corânicas a fim de confirmar aquilo que afirma (NAGEL, 2001, p. 59.), em outros aspectos, aquele livro mantém com o texto de Gabirol diferenças fundamentais: ao contrário das acuradas análises psicológicas de Ibn Hazm, Gabirol fornece um quadro geral de correspondências entre os sentidos, os humores e os vícios e virtudes.

Considerou-se também que esta obra fosse uma sucessora do *Livro das Crenças e das Opiniões (Emunot VeDeot)* de Saadia Gaon. Mais uma vez, o texto de Gabirol mantém diferenças sensíveis para com o livro de seu antecessor judaico, pois, o livro de Saadia mantém estreita dependência com a fé e a religião, o que leva a uma comparação um tanto forçada:

Sua obra filosófica “*Kitab al-Amanat wa al-Itiqadat*”, o Livro das Crenças e Opiniões foi traduzido ao hebraico com o título de “*Sefer Emunot ve-Deot*” por Judá ibn Tibbon, em 1186. Sabemos que a intenção original do autor era apologética, no sentido de expor sistematicamente os princípios e fundamentos da religião

mosaica, harmonizando a tradição com o pensamento filosófico e científico de seu tempo. O resultado foi uma obra coerente que perdurou através dos séculos e serviu de pedra angular para o pensamento judaico posterior até o surgimento de Maimônides, que olhará criticamente o Kalam e sua influência nos pensadores judeus, incluindo-se a Saadia Gaon, mesmo quando não o mencione explicitamente. (FALBEL, 2007, p. 733-4)

Ainda que trate de estabelecer uma justificação racional, Saadia “segue partindo da experiência religiosa e da especulação teológica. O que está fazendo é primeiro expor os conteúdos da fé e depois conferir-lhes razão, demonstrá-los intelectualmente” (LONBA FUENTES, 1990, p. 37). Claro é que a obra de Saadia é de suprema importância na ética judaica da época e teve influências diretas em Ibn Gabirol, o qual, nessa obra que é nosso objeto, cita o nome do Gaon de Sura por diversas vezes. Mas, ainda assim, a teoria defendida mantém sérias diferenças. Saadia é o modelo do teólogo racional. Na maioria das linhas gerais de sua obra, apóia-se no *Kalam*⁹, especialmente na sua versão *mu'tazili*¹⁰, à qual segue na afirmação da unicidade de Deus, na compatibilização entre razão e revelação e na insistência da doutrina do Livre-arbítrio.

Se, por um lado, podemos notar a concordância de Gabirol com as teses de Saadia, entre outros aspectos através das influências aristotélicas, da concordância entre razão e revelação, da questão do livre arbítrio e da unidade entre Deus e seus atributos, em outras concepções a distância se estabelece. Saadia aceita a interpretação alegórica das escrituras somente em último caso, ou seja, quando a revelação contradiz a razão, enquanto Ibn Gabirol defende-a

⁹ *Kalam* - Proveniente de *Kalaam Allah* (Palavra de Deus) – Por este nome ficou conhecida uma escola de interpretação racional das escrituras; *Ilm Ul-Kalaam* (teologia), teologia especulativa. O termo árabe *Kalam* foi “exportado” e considera-se, por associação, que exista um *Kalam* judaico e até mesmo um *Kalam* cristão que se dedicam à defesa das escrituras, da criação e da necessidade de um princípio e causa do mundo através de argumentos racionais.

¹⁰ *Mu'tazili* – Escola Teológica Islâmica defensora do livre-arbítrio. Remonta ao xiísmo, nome dado ao grupo que defendia o Califa Ali. Provem do árabe *I'zala* (separação). A escola *Mu'tazili*, tal como conhecemos hoje teve seu início na cidade de Basra (atual Iraque) no início do século oitavo. Defendia a interpretação filosófica e a incorporação da filosofia à teologia. Teve muita influência entre os xiitas. Foi derrotada pela escola Ashari que se tornou uma espécie de “ortodoxia islâmica”.

abertamente; Saadia introduz a distinção entre “mandamentos racionais” ou *sichliot* e “mandamentos de obediência” ou *mitzvot shimyot*, distinção essa que não vemos qualquer paralelo em Gabirol; Saadia esmera-se em insistir no caráter demonstrável da Criação, coisa que, em nenhum momento ocupa as linhas de seu correligionário. Saadia fala da alma humana como possuidora de três forças: o amor, a aversão e o discernimento. Do amor derivam treze qualidades da alma que devem ser equilibradas e harmonizadas pelo discernimento. Por outro lado, deixa sem explicações a terceira força, ou seja, a aversão inata. Mas, do tom geral de seu texto depreende-se a impressão de que ele parte totalmente da experiência religiosa e das orientações gerais da fé mosaica, para depois tentar justificá-las intelectualmente. Gabirol tenta fazer justamente o inverso.

O teor racionalista da obra de Saadia Gaon, traço comum aos adeptos da *Mutazila* é, portanto, um instrumento intelectual que vem facilitar o melhor entendimento das verdades religiosas que foram reveladas pela divindade aos Profetas e transmitidas através das Escrituras Sagradas para a ampla multidão dos crentes de Israel não preparados para a especulação teórica ou lógica e filosófica, mas que as assimilam facilmente e passam a ser inteligíveis se são perceptíveis pela mediação de seus sentidos, sem a necessidade de qualquer esforço demonstrativo da razão. (FALBEL, 2007, p. 736)

A grande originalidade apresentada por Gabirol no campo da ética reside exatamente nesta ótica baseada no modelo científico da época, que faz com que sua obra se distinga de outros tratados similares de seu tempo. Ele afirma seu ponto de partida racional independentemente da fé, da religião e do material referente à moral e à jurisprudência, desenvolvido no seio do judaísmo até então. Gabirol persegue o caminho inverso de Saadia, através de um sistema de citações que vem a ser também o inverso de toda a produção ética habitual até seus dias, posto que primeiro eram propostos os textos sagrados e a seguir surgia uma racionalização, muito mais a título de explicação. Gabirol, ao contrário, parte da fisiologia e das doutrinas consideradas científicas, especialmente pela medicina da época, e discorre sobre elas utilizando citações bíblicas para justificá-las no decorrer de sua argumentação, conforme verificamos por suas próprias palavras:

Registrei neste (livro) os argumentos racionais e demonstrações que nos ocorreram, além de aduzir, tanto quanto pudemos, os versículos da Escritura. Não vi prejuízo algum em incluir depois (destes últimos), uns poucos ditos dispersos da Sabedoria. (IBN GABIROL, 1990, p. 77)

Curiosamente, apesar de se esmerar em citações bíblicas e da sabedoria, estão quase totalmente ausentes as citações da *Mishná* e do *Talmud*, que surgem somente em duas ocasiões. Esse fato aponta para a idéia de que Ibn Gabirol tentava inaugurar um “novo sistema racional de ética” (LOMBA FUENTES, 1990, p. 38), ou ainda podemos pensar que, em sendo o Antigo Testamento (ou ao menos seus personagens, histórias e passagens mais célebres) um patrimônio comum das três religiões monoteístas, estivesse abrindo já o caminho em direção a uma linguagem universal posteriormente alcançada pelas referências exclusivamente filosóficas das quais se utiliza na *Fonte da Vida*. Colabora com esta hipótese o fato da obra, apesar de tratar-se de uma ética de cunho nitidamente judaico, ter sido escrita em árabe¹¹. Por outro lado, esta simples omissão com relação à *Mishná* e ao *Talmud* pode ter sido uma das razões para que o autor angariasse tantos inimigos, principalmente tendo em vista a ameaça ao judaísmo rabínico que posteriormente representaria a seita dos *caraitas*¹².

De algum modo, as idéias expostas na *Correção dos Caracteres* vem a ser um complemento à doutrina exposta na *Fonte da Vida*. Enquanto que em sua obra prioritariamente metafísica simplesmente aponta de modo vago um objetivo de vida e um caminho no qual o homem progressivamente possa ir se despreendendo das amarras do mundo sensível em direção ao Alto, sem

¹¹ Pode-se aqui objetar que este era já o costume da época, dado que a obra de Saadia *Emunot VeDeot*, também fora escrita em árabe, sob o título de *Kitab al-Amanat wal – Itikadat*. Mas a obra de Saadia apresenta uma característica diferente, na medida em que estabelecia diálogo com outras religiões, assim como posteriormente o fará a obra de Yehudá Há-Levi, *Sefer Há-Kuzari* (título original: *Kitab al-Hujjah wal-Dalil fi Nushr al-Din al –Dhalil*). “A principal obra de Saadia combina a exposição de seu próprio sistema com a crítica aos pontos de vista dos oponentes; entre eles estão o trinitarismo cristão, o dualismo zoroastriano, a teoria muçulmana da revelação bíblica, os ataques racionalistas à idéia de revelação, bem como todas as doutrinas cosmológicas, psicológicas e filosóficas opostas aos ensinamentos do judaísmo”. (GUTTMANN, 2003, p. 81)

¹² Também conhecidos por ananistas, *qaraim* ou, a partir do século IX, *Bene Miqrá*, os caraitas são uma seita do judaísmo que remonta ao século VIII, e professa a estrita adesão à *Torah* (Pentateuco) como única fonte de lei religiosa. Como sabemos, esta discussão sobre a adesão ao material compilado advindo da tradição oral, é herdeira legítima das antigas disputas entre saduceus e fariseus, existindo, no mínimo, desde a época do segundo Templo.

qualquer alusão a regras morais de tal ou qual religião ou natureza, nesta obra ética, propõe concretamente a vida virtuosa, de acordo com o conhecimento filosófico e científico de seu tempo, demonstrando a perfeita concordância deste conhecimento com os preceitos bíblicos. Conforme Lomba Fuentes,

No plano teórico, o caminho é apontado pela *Fonte da Vida*; no plano prático, pela *Correção dos Caracteres*. De acordo com isso, pode-se pensar que a *Correção dos Caracteres* é uma obra preparatória e prévia à *Fonte da Vida*. Naquela seria apresentado o regime prático e moral do homem, a fim de que este chegue à máxima perfeição ética de todas as suas qualidades e caracteres; e nesta, suposta já a conduta reta exercida segundo os ditames daquela, seria proposto o sistema total do mundo e o caminho a seguir para chegar a Deus, a partir de um ponto de vista teórico, contemplativo e místico. (LOMBA FUENTES, 1990, p. 33)

Antes de mergulhar diretamente no estudo das qualidades da alma, Gabirol esboça no preâmbulo do livro uma espécie de antropologia. Nesta introdução, ele discorre sobre o homem e sua composição, suas semelhanças com os anjos, e o lugar privilegiado que o homem ocupa na criação. É precisamente neste discurso que ele irá expor suas concepções acerca da razão e da liberdade, e da função que estas devem desempenhar com relação à retificação das qualidades naturais para uma vida eticamente correta:

Quando percebemos que o homem era a mais excelsa das criaturas do Autor, louvada seja sua Glória, soubemos que ele (o homem) era o objetivo perseguido na criação de todas as substâncias e seres. (IBN GABIROL, 1990, p. 59)

Partindo do entendimento do homem enquanto microcosmo, afirma que os homens são compostos tanto de elementos brutos quanto de qualidades provenientes dos estratos mais altos da criação, compartilhando com os anjos as qualidades espirituais e divinas: “dizemos que o (que há) de mais sólido a reconhecer, é que (o homem) é a mais excelsa das criaturas, que compartilha este estado com os anjos (no sentido) de falar e pensar. Essas duas qualidades são divinas e espirituais” (IBN GABIROL, 1990, p. 60). Por falar e pensar, Ibn Gabirol refere-se às qualidades da alma racional¹³, situando-a, portanto, acima da corruptibilidade que atinge os estratos inferiores da alma humana. A

¹³ Ver nota sobre a tradução, em que a alma racional é referida no texto hebraico da *Fonte da Vida* como *nefesh medaberet*.

alma racional é, para ele, assim, “substancial, sábia, imortal, não se corrompe” (IBN GABIROL, 1990, p. 60).

Para ele, os homens não são todos iguais, mantendo diferenças em razão do próprio desígnio de Deus e dos influxos astrais: “Sabemos que, por vezes, um homem pode ser superior a outro. Mais ainda, (sabemos) que um homem pode ser igual a muitos outros, ao possuir uma e a mesma compleição e constituição” (IBN GABIROL, 1990, p. 60). Mas, especialmente, as diferenças entre os homens dependem do modo como cada um molda aquilo que traz dentro de si, ou seja, o modo como cada um trabalha as suas próprias características. Desse modo, apesar das diferenças, mantém de modo bem forte que a liberdade humana é capaz de garantir, através dos esforços envidados no sentido da correção e sabedoria, o ingresso no “grupo dos perfeitos”. Esse é precisamente o objetivo deste pequeno livro, dado que adverte que “desse modo, convirá que tenha cuidado com suas qualidades de caráter, de modo que estejam bem compostas, e que não empregue seus sentidos a não ser naquilo que lhe parecer necessário” (IBN GABIROL, 1990, p. 61).

O homem foi criado por Deus como um microcosmo, composto pelos quatro elementos (fogo, ar, terra, ar e água) e com as quatro qualidades cósmicas (quente, seco, frio e úmido). Além disso, é dotado dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato). A cada um desses sentidos correspondem qualidades ou características que, de acordo com os humores básicos, compõem a base dos vinte tipos descritos na obra¹⁴. Assim designados “a cada sentido, a cada elemento, a cada qualidade e a cada humor um caráter, uma qualidade inata, com seus correspondentes derivados”, estes constituem o material sobre o qual a razão e a liberdade devem trabalhar para que gerem uma amálgama harmônica que sirva de veículo para a posterior escalada que apresenta no restante de sua obra. Propõe então uma espécie de “alquimia de personalidade¹⁵”, a ser realizada por aquele que tiver reconhecido talento

¹⁴ Maiores informações sobre a características são fornecidas em nosso artigo *A Ética psico-fisiológica de Ibn Gabirol*, publicado na revista *Phrónesis*, (2005, p. 31-55).

¹⁵ Por “personalidade” refiro-me aqui aos sentidos externos e os humores correspondentes em suas relações com o mundo, que acabam por constituir a *persona* do indivíduo e seu padrão de reações, independentemente dos sentidos internos.

e elevadas intenções, a fim de purificar sua alma em direção às regiões mais elevadas. Este homem,

Será como o médico hábil que prepara receitas e que toma de cada remédio uma quantidade precisa, de modo que os fármacos sejam diferentes em peso; por exemplo, tomando deste um *daniq*, daquele outro um *qirat* e coisas parecidas, levando em conta os efeitos destas quantidades. E esse tal (médico) não estará satisfeito até que acrescente algo (na mistura) que impeça um mal, fazendo tudo isso, com base em um cálculo previsto. (IBN GABIROL, 1990, p. 63)

Para Ibn Gabirol, a proposta ética não consiste em fazer o bem porque Deus assim o ordena, mas em atingir o equilíbrio total do homem através da liberdade de ação e da razão que controla os impulsos. Ibn Gabirol vê essas qualidades inatas do ser humano, como qualidades naturais, sempre inseridas no modelo do Microcosmo/ Macrocosmo. A concepção do homem como microcosmo, e a conseqüente composição que ele expõe pode ter-lhe chegado por duas vias distintas: a primeira é a linha judaica, dado que o rabi Sabatai Donolo¹⁶, já inspirado em Isaac Israeli, advogava estas idéias. O modelo do Microcosmo no judaísmo é provavelmente derivado da fonte comum do *Sefer Yetzirah*, obra amplamente difundida entre os místicos de orientação neo-pitagórica. A segunda possibilidade, mais próxima e, portanto, mais provável, é de que esta idéia tenha sido originada de fontes islâmicas, mais precisamente das *Rasa'il Ikhwan al-Safa* (Epístolas dos Irmãos da Pureza), provavelmente através do resumo que já circulava na Espanha da época.

Dessa maneira, não temos por princípio qualidades “boas” ou “más”. Tudo aquilo que se revela ou se oculta no funcionamento humano é criado por Deus e tem sua função; o problema (mal) reside na sua má utilização (exagerada), que fortalece exacerbadamente certas características impedindo o equilíbrio correto (bem). A chave está em empregar em doses corretas, ou em abster-se de empregar tais e quais qualidades – que não são boas nem más em si mesmas, mas apenas derivadas dos sentidos e do modo pelo qual estes sentidos são utilizados.

¹⁶ Médico e astrônomo italiano, nascido em Aversa em 913, tornou-se famoso em medicina, tendo viajado por toda a Itália e chegado a Bagdad. Morreu em 982.

Afirma que o primeiro e mais nobre dos sentidos é a visão, “posto que sua posição em relação ao corpo é como a do Sol em relação ao Universo” (IBN GABIROL, 1990, p. 63). O olho reage imediatamente à percepção dos sensíveis enquanto estiver aberto, por isso, diz ele, o sonho só é possível com os olhos fechados. Sua recomendação é que o homem obrigue seus olhos aos movimentos mais nobres e que evite os mais vis.

O sentido da audição segue-se ao anterior em dignidade, posto que o homem não lhe confere tanta atenção, “ainda que o efeito que exerce sobre a alma seja mais próximo que o que exerce a visão¹⁷” (IBN GABIROL, 1990, p. 64). Sua recomendação é que o homem se abstenha de ouvir coisas abomináveis e que não julgue as melodias carregadas de sentimentos que ouve, segundo o som, mas de acordo com o sentido e a intenção que contêm¹⁸. O homem bem educado¹⁹ tampouco se deixa levar ou aprisionar por aquilo que ouve, deve conhecer as situações em que deve prestar muita atenção ao que se fala, assim como àquelas situações em que nada, em absoluto, deve escutar.

A seguir dedica-se ao olfato, que tem, de acordo com o autor, menos importância que os dois primeiros, sendo um sentido ao qual não é necessário dedicar tanta atenção, pois sua possibilidade de gerar grandes prejuízos é mais limitada.

O paladar, ainda que tenha sido posicionado depois do olfato, é, segundo o autor, um sentido ao qual deve ser conferida especial atenção, posto que o corpo não pode manter-se afastado dele. A maneira de “educar” o paladar é mantendo-se distante das coisas ilícitas e permitindo-se aquilo que é lícito²⁰.

¹⁷ Atente-se aqui a semelhança para com a idéia aristotélica. Ver ARISTÓTELES, Política, 1339b; 1340b.

¹⁸ Aqui podemos notar que segue de perto a maior parte das escolas da mística islâmica (sufismo), no sentido da não utilização puramente emocional da música, mas na sua utilização enquanto instrumento para o conhecimento, como auxiliar no direcionamento da alma, pela intenção, às regiões mais elevadas.

¹⁹ Atente-se para o fato de que seu objetivo é educacional, ou seja, a criação de um manual didático para a correção ou retificação das qualidades inatas do ser humano, que podem e devem ser moldadas a partir da razão e da liberdade humanas, atingidas através do esforço.

²⁰ Observe-se que nesta passagem Ibn Gabirol não cita ou se refere especificamente aos preceitos alimentares do judaísmo, passando-nos a impressão de que mantém o respeito para com quaisquer preceitos alimentares (ou, ao menos, aqueles comuns ao velho Testamento, respeitados, ainda que de modos diversos por judeus e muçulmanos).

O derradeiro sentido é o tato que, de acordo com ele, é similar a ao paladar. A alma racional não deve entreter-se com os prazeres do tato, mas dominar seu corpo, compreendendo que estes desejos originários do corpo são doenças que devem ser tratadas e curadas.

A seguir, divide os sentidos em gêneros e espécies²¹, sendo estas últimas, precisamente as qualidades do homem. A cada sentido correspondem quatro qualidades que deverão ser corrigidas, desenvolvidas ou restringidas, de acordo com a busca da sabedoria prática, derivada da visão do corpo humano como ponto de partida para que possa atingir as realidades superiores. A seguir, traça um diagrama a fim de exemplificar sua teoria das qualidades.

Desse modo, a obra em si constitui-se de cinco partes, cada uma delas dividida em quatro capítulos destinados a completar uma seção para cada qualidade que aponta. Cada parte dedica-se ao sentido correspondente, contendo os quatro caracteres que, com este, se relacionam. A primeira parte é dedicada ao sentido da visão, com capítulos sobre o orgulho, a humildade, a modéstia e a falta de vergonha; a segunda parte dedica-se à audição e seus capítulos versam sobre o amor, o ódio, a compaixão e a crueldade; a terceira versa sobre o paladar, com capítulos sobre a alegria, a tristeza, a tranqüilidade e o arrependimento; a quarta parte dedica-se ao olfato, e seus capítulos tratam da ira, da complacência, da inveja e da vitalidade; a quinta e última parte dedica-se às qualidades relacionadas ao sentido do tato, e seus capítulos versam sobre a generosidade, a avareza, a valentia e a covardia. Oferece-nos um quadro dos sentidos e suas respectivas qualidades, tal como reproduzido a seguir:

VISÃO	AUDIÇÃO	OLFATO	PALADAR	TATO
Orgulho	Amor	Ira ou Cólera	Alegria	Soberba*
Humildade	Ódio	Complacência	Pena ou Tristeza	Avareza
Pudor ou Modéstia	Compaixão ou Clemência	Inveja	Tranqüilidade	Coragem ou Valentia
Descaramento	Crueldade	Vitalidade	Arrependimento	Covardia

* No capítulo correspondente a esta característica, ao invés de discorrer sobre a Soberba enquanto qualidade negativa, discorre acerca da generosidade e liberalidade.

²¹ Mais uma alusão de influência aristotélica.

Essas qualidades encontram-se em todos os homens, ao menos em potência, desde a infância, e tornam-se em ato na juventude, “momento em que a alma racional deve direcioná-las para que todas elas se convertam em louváveis” (SÁENZ-BADILLOS, 1992, p.146). Gabirol confere intenso valor à educação, acreditando que certas características perniciosas podem ser modificadas, especialmente se forem corrigidas ainda na infância:

É possível modificar aquelas crianças que são dominadas pelas coisas mundanas, por meio de situações mais nobres, sempre e quando (esta tendência às coisas mundanas que é própria da infância) não ultrapassar os limites dessa idade, pois se chegarem à juventude e à idade madura e continuarem nesse estado (anterior), será difícil levá-las ao bom caminho. É como deixar um ramo reto antes que cresça; depois que se torna árvore, é difícil mudá-la ou movê-la. (IBN GABIROL, 1990, p. 72)

Para Ibn Gabirol, todas estas características têm sua origem na alma animal, não sendo possível que residam na alma racional, por esta ser mais simples e incorruptível. Por essa razão, podemos modificá-las e corrigi-las no processo de amadurecimento.

Assim, podes observar que em certas crianças é patente o caráter do pudor, em outros a falta de vergonha, que uns conseguem prazeres, enquanto que outros tendem às virtudes e outros aos vícios. Todas estas coisas e outras semelhantes estão nas características da alma animal. Mas, quando chegam à juventude, o poder da alma racional manifesta sua atividade, dirigindo-as em direção ao bom juízo, a fim de que corrijam seus caracteres, o que não é próprio da alma animal²². (IBN GABIROL, 1990, p. 72)

Prosseguindo nesta linha de argumentação, para ele é impossível, portanto, que o mal pertença à alma racional. O mal provém totalmente dos estratos inferiores da alma, sempre no sentido da má utilização das qualidades naturais e não delas em si mesmas e da busca desenfreada da satisfação dos desejos inferiores. Vale ressaltar que na sua obra *A Fonte da Vida* nenhuma

²²A distinção radical que faz em relação à origem dessas características, ou seja, o posicionamento destas no plano sensível, e o conseqüente esvaziamento da alma racional de quaisquer paixões, virtudes ou vícios, no sentido de que esta seria a pura razão, consiste numa das grandes diferenças que Ibn Gabirol mantém para com seu predecessor judaico Saadia Gaon.

alusão é feita à questão do mal. O mal para Ibn Gabirol não existe em si, mas consiste apenas na fraqueza e ignorância humanas quanto aos altos desígnios que Deus preparou para os homens. Em síntese, o mal reside no desconhecimento da real condição e propósito da humanidade. Ibn Gabirol procede então a uma total naturalização do mal, que não possui em si mesmo nem essência nem substância. Assim, também se diz de pleno acordo com o que afirmam os rabinos, equiparando a “alma” pura criada por Deus, descrita nas Escrituras, à alma racional de seu modelo filosófico:

Também dizem que é impossível que o fazer o mal pertença por natureza à alma racional, posto que isso não é próprio da sabedoria: Deus criou a alma pura, limpa e simples. (...) Aquilo que de mal provém da alma deve-se unicamente ao que ocorre na alma vegetativa, quer dizer, aos atos naturais. (IBN GABIROL, 1990, p. 73)

A postura com relação à compatibilidade entre as escrituras e a filosofia transparece também nessa obra, deixando claro que o autor acredita que nenhum tipo de contradição possa ser encontrada, ao adotar-se a interpretação simbólico-alegórica do texto revelado e interpretando-se a mensagem das escrituras em termos filosóficos. Desse modo, comenta passagens como a seguinte, referente ao Salmo 37 da seguinte maneira:

A frase “O Senhor assegura os passos do homem” quer dizer que (Deus) criou a alma perfeita, não sendo impotente para nada e que, quando se inclina às virtudes, aos bons costumes e a um modo de vida bom, então, esse “assegurar” significa que merece a satisfação divina, que é o que (significa) que “Ele se ocupa de seus caminhos”.

Pelo que dissemos, fica claro aquilo que David, a paz esteja com ele, quer indicar com essas alegorias que descrevem a maneira de corrigir as características da alma humana e de praticar as boas virtudes, o que é o mesmo que o Sábio Salomão nos recorda em seu livro, incitando a atingir a correção, de qualquer modo que seja possível, tal como o diremos, se Deus Altíssimo assim o quiser. (IBN GABIROL, 1990, p. 75-6)

Outra característica apresentada por Ibn Gabirol nesta obra, e que tem paralelo em sua poesia, é o fato de assumir a influência da astrologia. Isso é

visível quando comenta as diferenças que há entre os homens e que, embora eles apresentem a mesma compleição e constituição, podem diferir porque a um deles “os corpos celestes ajudam”²³ (IBN GABIROL, 1990, p. 60). Conclui-se, portanto, que “Ibn Gabirol seria, pois, um dos primeiros autores judaicos espanhóis a seguir nestes misteres escatológicos, os astrólogos muçulmanos” (MILLÁS VALLICROSA, 1993, p. 57). Mas, vale ressaltar, como aponta o professor Lomba Fuentes, e como se nota no próprio texto de Gabirol, que ele preza a liberdade pessoal acima de tudo, apesar de toda prefiguração que os astros possam exercer sobre o destino individual (LOMBA FUENTES, 1990, p. 60, nota 23).

Conclusões:

Quanto ao tom geral apresentado nessa obra de Ibn Gabirol, podemos notar claramente algumas características centrais em seu pensamento, as quais nos remetem ao conjunto de influências que o autor parece expressar neste momento de sua vida. Dizemos que é neste momento devido ao fato de que o autor escreve este pequeno tratado em 1045, sendo este certamente anterior ao *Fons Vitae*, no qual podemos observar um leque mais amplo de influências neoplatônicas e aristotélicas, provenientes, muito provavelmente da elaboração islâmica sobre os textos filosóficos gregos. As influências mais sensíveis na sua obra ética seriam, portanto:

- 1) a grande influência – que já foi anteriormente apontada – de Saadia Al-Fayumi, como também a grande reverência que Ibn Gabirol mantinha para com ele, notada através das inúmeras vezes que o cita durante o texto;
- 2) A influência marcante dos textos da medicina da época, particularmente da teoria dos humores de Hipócrates e Galeno, dos quais o próprio Galeno (o que é menos provável) ou algum comentador (mais provável devido às atribuições apócrifas) é indubitavelmente sua fonte principal, pela quantidade de vezes que também aparece citado durante o texto;
- 3) Aristóteles, o qual, nessa obra aparece mais pelas idéias éticas que seguem à risca a *Ética a Nicômaco*, embora algumas passagens remetam também à *Metafísica* e outras obras, influência esta sensível não apenas nas citações

²³ A presença da astrologia, ainda que subordinada à Vontade de Deus, faz-se entrever também no seu poema magistral *Keter Malkhut*.

(mais uma vez apócrifas, originárias talvez de lendas populares nos meios judaicos e islâmicos), mas principalmente nas suas concepções acerca da educação, do justo meio, da linguagem ato/potência, etc.

Conforme Graetz,

É notável pelo espírito peculiar que a perpassa e pela íntima relação com os mestres da filosofia demonstrada por este jovem. Ao lado dos ditos das Escrituras e das sentenças éticas do *Talmud*, Gabirol coloca os ditos favoritos do “divino Sócrates”, de seu discípulo Platão, de Aristóteles, dos filósofos árabes e mais especificamente aqueles de um filósofo judeu, Alkuti (talvez Chepez Alkuti). É surpreendente como tão jovem escritor pode ter uma percepção tão profunda das condições da alma humana e dos assuntos mundanos. (GRAETZ, 1949, p. 267)

Uma das características mais marcantes de sua produção ética consiste precisamente a universalidade. Nada há neste texto, ou mesmo na *Seleção de Pérolas*, que desaprove a ética de qualquer religião professada. Quando cita fragmentos de grandes sábios, entrelaça as fontes hebraicas (bíblicas e rabínicas), árabes, gregas, latinas, e talvez outras ainda mais orientais e de autoria não facilmente identificável (MAESO, 1990, p. 26). No seio do judaísmo, o conjunto dessa produção ética influenciou autores posteriores como Bahya Ibn Paquída em sua obra magistral *Os Deveres dos Corações*, o apologeta Yehudá Ha-Levi em seu *Khuzary* e Yehudá Al-Harizi, especialmente em sua célebre obra *Tahkemoni*. No Islã, sua presença pode ser sentida expressamente em algumas passagens do *Regime do Solitário* de Ibn Badja (Lomba Fuentes, 1990, p. 73, nota 41).

Por outro lado, podemos constatar que a originalidade fundamental de Ibn Gabirol nesta obra, que parte da aplicação da teoria clássica dos humores às questões éticas, irá nos conduzir a uma visão do comportamento humano, que é, por um lado, determinado pelas paixões, desejos e qualidades inferiores, mas, por outro lado, estas são e devem ser subordinadas, por sua vez, à liberdade e à razão. Se partirmos de seu pressuposto exposto inicialmente, ou seja, de que estas características não residem na alma racional, situando-se na parcela animal da alma, observaremos que é uma conclusão bastante lógica. Devido à naturalização da ética, devemos levar em conta os “remédios” natu-

rais para a retificação da conduta.

Desse modo, o que resta à alma racional é o livre-arbítrio, exercido através da própria razão. Razão e liberdade, para Ibn Gabirol caminham juntas em direção à harmonização das parcelas inferiores do homem a fim de atingir o seu objetivo maior, sua causa final, expressa n' *A Fonte da Vida* como sendo o conhecimento.

Referências

AUVERGNE, William of, *The Universe of Creatures*, trad. Roland J. Teske, Milwaukee: Marquette University Press, 1998.

BRUNNER, Fernand. *Platonisme et Aristotelisme, La critique d'Ibn Gabirol par Saint Thomas D'Aquin*. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1965.

CANO, María José. *Ibn Gabirol, Poesía Religiosa*. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1992.

CAVALEIRO DE MACEDO, C. *A Ética Psico-fisiológica de Ibn Gabirol*, Revista *Phrónesis*, v. 7, n. 2, p. 31-55, Campinas: PUC Campinas, 2005.

DE LIBERA, Alain. *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FALBEL, Nachman. O Kalam e sua influência no pensamento de Saadia Ben Joseph Al-Faiyumi (882-942). In, PEREIRA, R. H. (org.). *O Islã Clássico*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007. p. 703-744.

GRAETZ, H. *History of the Jews*, vol. 3. Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1949.

GUTTMANN, Julius. *A Filosofia do Judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

IBN GABIROL, S. *La Corrección de los Caracteres*. Introducción, Traducción y notas, LOMBA FUENTES, Joaquín. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1990.

IBN EZRA, Moshé. *Kitâb al-muhadarah wa-l-mudakara*. trad. e ed. Montserrat Abumalham. Madrid: CSIC, 1976.

MILLÁS VALLICROSA, José María. *Selomo Ibn Gabirol Como Poeta y Filósofo*. Edición Facsímil. Estudio Preliminar María José Cano. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1993.

MAESO, David Gonzalo. *Salomon Ibn Gabirol, La selección de perlas*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1990.

MUNK, Salomon. *Mélanges de Philosophie Juïve et, Arabe*. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1927.

NAGEL, Silvia. Sensi e passioni dell'anima nel libro della correzione dei costumi dell'anima. In *Mediaevalia, Textos e Estudos*, 10. Porto: Universidade do Porto, 2001.

SÁENZ-BADILLOS, Ángel. *El Alma lastimada: Ibn Gabirol*. Córdoba: Ediciones El Almendro, 1992.

SA'ID, *Kitâb Tabaqât al-umam. Libro de las categorías de las naciones*. Madrid: Ed. Trotta, 2000.

Recebido em agosto de 2007
Aprovado em setembro de 2007